

## RESGATANDO A LÍNGUA PORTUGUESA EM TEXTOS DE MÁRIO DE ANDRADE

Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

**RESUMO:** *Abordamos a obra **Gramatiquinha** de Mário de Andrade, fundamentando-nos na Análise do Discurso de linha francesa, com apoio em Bakhtin e Maingueneau e na Historiografia Lingüística, com apoio em Koerner e Swiggers. Pelas análises, pudemos asseverar a relevância da obra no contexto do século XX e a postura do autor em sua obra, reveladoras da importância dos estudos lingüísticos para o estabelecimento de uma política de línguas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *língua portuguesa – discurso – historiografia*

**ABSTRACT:** *To broach **Gramatiquinha** of Mário de Andrade, we relied upon Bakhtin and Maingueneau, for Discourse Analysis, and Koerner and Swiggers for Linguistic Historiography. By the analysis, we could asseverate that work's importance in the context of twentieth century and the author's posture in his work reveal the linguistic studies value for the stablishment of a political of languages.*

**KEY WORDS:** *portuguese language, discourse, historiography*

Voltando o olhar para o poeta, contista, romancista, crítico literário, epistógrafo, Mário de Andrade, que escreveu centenas de cartas para numerosas pessoas, tratando de problemas relacionados com a literatura e a estética, pretendemos considerar as obras voltadas para as outras formas de conhecimento.

Com esse objetivo e a partir da pergunta: Em que medida o autor brasileiro Mario de Andrade confere importância à teorização sobre a Língua Portuguesa em suas anotações sobre a utilização da “língua nacional?”, selecionamos a obra *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* publicada por Edith Pimentel Pinto, a fim de analisar o trabalho de um intelectual interessado em conhecer a Língua Portuguesa, intervir nela e deixar legados a respeito dela para os seus sucessores.

Na obra selecionada, Pinto (1990:11) apóia-se:

*... essencialmente nos originais de Mário de Andrade, expressamente destinados à composição da **Gramatiquinha**. Acessoriamente, vale-se de notas marginais suas, consignadas em obra de caráter lingüístico, em especial na **Gramática Secundária da língua portuguesa** de Said Ali; de alguns poucos escritos, do mesmo caráter; e, muito raro, de outros documentos especificados oportunamente.*

Para abordarmos o corpus mencionado, fundamentamo-nos na Análise do Discurso de linha francesa, tomando como teóricos de base Bakhtin e Maingueneau para o desvendamento da postura do escritor sobre a Língua Portuguesa na primeira metade do século XX, e na Historiografia Lingüística, Koerner e Swiggers, para atender a uma demanda de resgate histórico com vistas à preservação da memória brasileira.

Dessa forma, julgamos relevante iniciarmos nossas análises a partir do rastreamento do Brasil no início do século XX, estabelecendo o clima de opinião do período e situando o autor nesse contexto modernista.

Época de conflitos entre gerações e classes sociais: conservadores e progressistas, dominadores (elite) e dominados (proletariado). Os grandes proprietários, plantadores de café mantêm a oligarquia cafeeira, estabelecendo uma “política de salvação” em que se busca a divisão entre nordeste e sudeste. As demais classes que compõem a sociedade constituem-se da burguesia e do proletariado crescente, massacrado e rico de reivindicações o que provoca graves crises. agitações sociais e anseio por mudanças.

A existência de movimentos armados e ideológicos: 1922 – Os 18 de Copacabana, 1924 – Revolução em São Paulo, 1925 a 1927 - Coluna Prestes, propiciou uma conscientização de nacionalidade que dirigiu os movimentos no sentido de oferecer ao Brasil uma política não apenas revolucionária mas também autenticamente brasileira. Sobre a Coluna Prestes é importante mencionar a frustrada tentativa de se levantar no Brasil um movimento revolucionário camponês semelhante ao russo que, apesar de não ter obtido sucesso, deixou marcas na formação de um movimento comunista no Brasil.

Esse clima revolucionário dominante no país somado à crise econômica do café, resultante do “*crack*” norte-americano de 29 e demais desgastes implantaram, no Brasil, um estado revolucionário que deu aos brasileiros esperanças de solucionar os problemas políticos, sociais e econômicos.

Embalados por tais aspirações revolucionárias, sobretudo as de esquerda, os jovens intelectuais, progressistas e engajados nos movimentos sociais, filiando-se a eles, reagiram contra a influência estrangeira excessiva e buscaram a identidade nacional, o que refletiu em todas as produções da época. Mario de Andrade, atento a essas manifestações, aos avanços tecnológicos e industriais e consciente de sua naturalidade paulistana, participa da modernização das artes na “locomotiva do Brasil”, durante a Semana da Arte Moderna.

Dessa maneira, a década de 20 foi um período de ansiosa busca de direções estéticas capazes de dar, à literatura e às demais manifestações do espírito brasileiro, um caráter moderno, autenticamente nacional.

Nesse contexto, o papel ativo de Mário de Andrade no levantamento de polêmicas e discussões marcou sua obra e sua trajetória como escritor que materializou suas formações ideológicas em seu texto, considerado aqui como um lugar de manifestação consciente, em que o homem organiza, adequadamente, de acordo com a situação contextualizadora de seu discurso, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular o seu discurso.

Os elementos de expressão são organizados pelo sujeito de maneira experimental e criativa, ao deixar de lado a perfeição por acreditar na transitoriedade das coisas. Dessa forma, seu texto, lugar de subjetividade, e seu discurso, reflexo das condições de produção, revelam, um imbricamento entre os temas e figuras das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido. Assim, na medida em que é determinado pelas formações ideológicas, cita outros discursos, o que nos leva a afirmar que o discurso não é único e irrepetível.

As manifestações acerca da língua como instituição nacional que deve ser preservada pelos membros de uma sociedade e que permite a compreensão recíproca num presente de uso efetivo, são princípios estruturalistas saussureanos dos quais Mário de Andrade se vale, ao mesmo tempo em que se preocupa com o princípio da constância

das mudanças fonéticas, método estabelecido pela gramática comparada que dominou os estudos lingüísticos do século XIX, submetendo a língua, objeto físico, às leis da evolução fonética (Lingüística Histórica).

Remetemo-nos, então à questão da interdiscursividade como processo de reconfiguração incessante em que uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela. Incorporaram-se, assim, nos comentários, nas observações, nas postulações de Mário de Andrade, as tendências de sua época, podendo-se citar anotações feitas, e já mencionadas, sobre a *Gramática Secundária da Língua portuguesa* de Said Ali na *Gramatiquinha* e que, de natureza lingüística, se manifestam subjetivamente com marcas ideológicas reveladoras de que a *consciência individual é um fato sócio-ideológico* (Bakhtin, 1992:35)

A produção de efeitos de sentido se dá nas formas de interação verbal ligadas às situações vivenciadas pelo grupo social dos intelectuais que, descompromissados com soluções anteriores, imprimiram às produções literárias um caráter moderno e nacionalista. Afirma o sujeito-autor não serem as anotações técnicas, nem para técnicos, nem constituidoras de um livro científico, mas pertencentes às produções de seu grupo:

*Este é um livro de ficção, e ninguém não aprende gramática nele, é lógico.*

*Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente. Embora tomando cuidado não me livre desse defeito e é por isso que não apresento o meu trabalho como obra de técnica porém de ficção.*

*Não se trata de um livro técnico, nem para técnicos*

*Assim fica entendido que isto não é uma obra científica. É ainda e sempre uma obra de ficção.* (Pinto, 1990:59-60)

A carga sócio-ideológica constante da obra de ficção revela a necessidade de se registrar o *falar brasileiro*, dirigindo-se a outros sujeitos: *pra quem já sabe e não pra grupos escolares*. (Pinto, 1990:59). Tais ditos referem-se a um conjunto de discursos possíveis a partir de inúmeras condições de produção semelhantes, observadas em outras tantas obras gramaticais de séculos anteriores: Fernão D'Oliveira – século XVI, Amaro de Reboredo – século XVII, Reis Lobato, século XVIII, Pereira Coruja – século XIX, Said Ali, século XX (1ª metade).

O sujeito-autor tem uma vocação totalizante que acaba por estabelecer uma relação de dominância de uma formação discursiva sobre as outras na constituição do texto em que sobressai o apego às manifestações lingüísticas nacionais diferentes, em alguns aspectos, das manifestações lingüísticas portuguesas. Portanto, cada sujeito inserido em uma determinada classe social tem uma visão de mundo, sendo essa a sua formação ideológica à qual corresponde sempre uma formação discursiva que materializa essa visão de mundo. Esse efeito ideológico pode ser percebido nas afirmações sobre a língua escrita e sua diferença em relação à falada, na tentativa de ressaltar a atitude nacionalista que deve ser buscada em todas as situações em que se pudesse ser nacionalista, isto é, ser culturalmente brasileiro: *Já não disse sejamos brasileiros. Eu fui. Eu não falei: Escrevamos brasileiro. Eu escrevi*. (Pinto, 1990:53)

A representação social do locutor como porta-voz da nação brasileira, em contexto determinado, leva-nos a afirmar a posição nacionalista moderada do sujeito-autor que pretende ser naturalmente brasileiro sem opor Portugal (o dono da voz) ao Brasil, pois, de acordo com sua posição revelada pelas marcas que atestam seu dizer,

sua relação com a situação e a sua representação contextualizada apresentam-se da seguinte forma:

*Não pensem que vou defender Portugal e me tornar simpático pros portuguesas nacionalistas não. Não tenho por Portugal nenhuma ternura maior que a que tenho pelos Cochinchins ou norteamericanos.*

*Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural, sem reivindicações nem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente.*

*Ora aplicando o caso à língua o que a gente tem de fazer é isso: ter coragem de falar brasileiro sem si amolar com “a gramática de Lisboa.*

*...não se trata de reagir, trata-se de agir que é mais nobre e viril.*

(Pinto, 1990:49)

O dever ser brasileiro manifesta-se no caráter interativo da atividade da linguagem, pressupondo sujeitos ocupando lugares de brasileiros que podem e devem ocupar posições nacionalistas, frente a outros sujeitos ocupando lugares de portugueses que podem e devem ocupar posições nacionalistas em terras européias: *Não falar nem uma vez em regras. Nem tão pouco em normas se possível! Falar só em Constâncias...* (Pinto, 1990:61)

Constâncias que significam o repetir sonora e graficamente a língua brasileira apartada da *portuga*. Assim é que o sujeito-autor manifesta-se no texto, assumindo várias posições ao mencionar o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, com as diferenças vocabulares surgidas por necessidades locais: no Rio Grande do Sul – bovinos e eqüinos - e em São Paulo – café. Tais ditos revelam a sua relação com a situação contextualizadora e sua representação contextualizada.

Das posições assumidas pelo sujeito, surge o sentido que é determinado pela ideologia no processo sócio-histórico em que o discurso é produzido. Marcado pelas novas tendências lingüísticas de um lado e pelas posições tradicionais dos gramáticos e comparatistas de outro lado, o sujeito-autor tece considerações acerca das questões fonológicas do português, apontando vários metaplasmos notados na língua brasileira, como por exemplo: 1) o encurtamento das palavras paroxítonas que sofrem uma síncope da vogal pós-tônica em abóbora > abobra, chácara > chacra; 2) a epêntese da vogal em advogado > adevogado, absolutamente > abisolutamente. Apontam-se, também, casos de aglutinação em pouco + bocadinho > poucadinho e de transformação de dissílabos em ditongos em fri-o > friu, ti-o > tiu.

O sujeito-autor, como observamos, utiliza as palavras, de caráter ideológico, com suas mudanças de sentido conforme as posições assumidas por ele que, exercendo papéis de acordo com as situações vivenciadas, produz em seu discurso marcas referentes àquele determinado momento, estabelecendo-se, assim, como produto histórico-social revelado como progressista à procura de firmar uma brasilidade que está ideologicamente comprometida pela força da lusofonia lingüística.

*É incontestável que com a estilização da fala brasileira que é a minha contribuição pessoal pra codificação futura do brasileiro, ninguém não me pode pegar em erro. Basta ver as modificações (...) de estilo, de modismos vocabulares e de ortografia dum livro meu pra outro pra ver que tudo saiu assim porque eu quis. Mas também por outro lado, se não me podem acusar de erro, também é certo que não me deixei adormecer nos braços molengos da facilidade. Minha fala é difícilima até.* (Pinto, 1990:63)

São mencionadas por Mário de Andrade, as variantes encontradas em suas pesquisas de campo, por ocasião de suas viagens pelo Brasil. Notemos dois comentários

que nos levam a saborear suas teorizações sobre a Língua Portuguesa deixadas em anotações sobre a utilização da “língua nacional”:

*Escutei em Santa Isabel, estado de S. Paulo, da boca dum caipira cantando modas. / Os ítalo-brasileiros falam cisas extraordinárias. Fiquei bem uns seis meses freguês dum barbeirinho ruim das Perdizes só pra escutar a fala dele que era uma gostosura imprevista com seus ‘soddisfeito’, ‘quatro dia’ etc. etc. (Pinto, 1990:65)*

Ainda sobre o procedimento metodológico adotado na busca da fala brasileira, observamos o sujeito-autor engajado em sua luta política na direção de preservar a nação brasileira firmemente apoiada em suas manifestações lingüísticas identificadoras de um povo com identidade formada durante os quatro séculos de “descobrimento”:

*As observações e pesquisas sobre a língua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre as classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que timbram em falar certo. Ou melhor: tem muita importância em verificar e apontar as regras e casos em que mesmo estas pessoas ‘culteranistas’, por desatenção momentânea pecam contra o português de Portugal ou das gramáticas. (Pinto, 1990:109)*

O interesse em pontuar, por meio do caráter interativo da atividade da linguagem, revelando sujeitos que ocupam lugares de brasileiros conservadores e de brasileiros *brasileiros* que podem e devem ocupar posições, manifesta-se como um dever ser brasileiro na tentativa incessante de buscar a identidade nacional.

Nessa busca, vemos o trabalho do intelectual, Mário de Andrade, que, tecendo seus caminhos investigativos pela Língua Portuguesa, interveio nela e deixando legados a seu respeito para todos nós, os seus sucessores. Observamos a postura do escritor e desvelamo-la, na medida em que, com o objetivo de atender a uma demanda de resgate histórico com vistas à preservação da memória brasileira, encontramos o autor brasileiro Mario de Andrade, conferindo extrema importância à teorização sobre a Língua Portuguesa em suas anotações sobre a utilização da “língua nacional” naquele contexto modernista de um Brasil do início do século XX.

Contexto este revelador de que, na luta entre conservadores e progressistas, o sujeito-autor apresenta suas posturas colocando-se ora como conservador para ironizar o desejo de preservação de uma língua pura, criticando a atitude de se misturarem outras línguas, como o italiano, à fala e o desejo de ser purista na escrita, ora como progressista para firmar-se na defesa da brasilidade, criticando o purismo escrito e adotando a posição de ser brasileiro por seguir as constâncias lingüísticas do falar nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA, A. S. (1967) *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva.  
BAKHTIN, M. (1992) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.  
KOERNER, E. F. K. (1989) *Practicing linguistic historiography: select essays*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

- SWIGGERS, P. (1990) “Histoire et Historiographie de l’enseignement du français: modèles, objets et analyses”. *Études de Linguistique Appliquée*. Daniel Coste (ed.) n° 78.
- MAINGUENEAU, D. (1989) *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes,.
- PINTO, E. P. (1990) *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria de Estado da Cultura.